

MITOS E VERDADES SOBRE OS EFEITOS DO CRACK NOS BEBÊS NASCIDOS DE MÃES USUÁRIAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO¹; MARIA DE FÁTIMA DUARTE MARTINS²

¹Universidade Federal de Pelotas - paolacamargo01@hotmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas - duartemasrtinsneia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O tema “Crack” está cada vez mais na mídia. Para Outeiral (2003) este é um problema que transcende os âmbitos familiares e requer um movimento da sociedade como um todo, em seus vários aspectos, tais como os que envolvem a ética e a política.

O Governo Federal está disponibilizando milhões para combater a epidemia do crack. A estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o Brasil é que 3% da população é usuária de crack e isso implicaria em seis milhões de brasileiros. A Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) é outro órgão do governo que está envolvido com o combate ao uso de drogas. Esta secretaria tem como objetivo a prevenção, o tratamento e a redução de danos em relação aos usuários de crack, através da campanha: “Crack, é possível vencer”.

O Crack tem a mesma origem da cocaína e possui os mesmos princípios ativos, porém os efeitos gerados são diferentes. É uma droga em forma de “pedra” branca ou amarelada e os efeitos provocados são extremamente mais rápidos e intensos do que ao comparado a cocaína em pó, pois atinge o sistema nervoso central em questão de segundos e então esta fica sendo a maneira mais rápida de fazer com que a droga chegue ao cérebro e este é provavelmente também um dos motivos para que haja uma dependência tão rápida comparada a outros tipos de drogas.

Os programas de prevenção ao uso do crack se mostram essenciais diante dos efeitos graves encontrados em relação aos usuários. Sabemos que novos estudos se fazem necessários para documentar e entender este tema tão novo e polêmico. No caso específico desta pesquisa, busca-se entender o que acontece com as crianças filhas de usuárias de crack, se realmente há a crise de abstinência, se elas já nascem com os efeitos do vício, se isto é verdade ou se é mito.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sendo realizada através da busca na literatura de artigos, teses e dissertações sobre o tema que está sendo estudado. Esta pesquisa está sendo realizada no período de janeiro a dezembro de 2012.

A pesquisa no momento está na fase de coleta de dados e busca fundamentação na literatura já existente, revisando materiais de 2010 a 2012, com exceção de Outeiral (2003) e através de palavras chaves sobre o tema, como: Crack, crise de abstinência, gravidez e mulheres usuárias.

Para a realização deste trabalho até o momento foram encontrados uma dissertação, dois artigos e três sites que abordam o tema.

A coleta de materiais está sendo realizada através de um levantamento de materiais em bibliotecas virtuais, em bancos de teses e dissertações da Capes,

INEP, Biblioteca da Fundação Carlos Chagas, na página online de órgãos e instituições ligadas à Saúde e projetos relacionados à prevenção do uso de drogas.

Para analisar os dados serão criadas quatro categorias, a partir da leitura, para sistematizar o conteúdo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do que já foi pesquisado até agora, e partindo de informações concretas sobre levantamentos do número de crianças nascidas de mães usuárias de crack, segundo a Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo, em 2007 houve apenas um caso de dependente química que perdeu a guarda de seu filho recém-nascido, mas este número está crescendo a cada ano. Em 2008 foram quinze os casos, em 2009 o número cresceu para vinte e seis e em 2010 o número de casos em que os hospitais encaminharam os recém-nascidos para a Vara da Infância e Juventude foi de quarenta e três, ou seja, um crescimento de 65% apenas de 2009 a 2010.

Pesquisas realizadas em 2 hospitais de diferentes regiões do país (Maternidade Estadual Leonor Mendes de Barros – São Paulo, SP e Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas – Porto Alegre, RS) mostram que a grande maioria das gestantes dependentes químicas não fazem nenhum tipo de acompanhamento e nem procuram orientações médicas durante a gravidez, muitas delas não fazem nem os exames recomendados no pré-natal, pois sua rotina se faz nas ruas com o uso de drogas e álcool, chegando à maternidade apenas no momento do parto, isso quando o mesmo não acontece na própria rua, dificultando mais ainda a identificação das mesmas e do número de crianças nascidas nesta situação.

Segundo a médica neonatologista Gabrielle Cunha, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que vem desde 1994 estudando o uso de drogas durante a gravidez, bebês expostos ao crack durante o período fetal não nascem dependentes da droga e também não há até o momento nenhuma comprovação científica de que estes desenvolvam abstinência na ausência da substância. Os sinais e sintomas que eles podem apresentar durante o período neonatal podem ser relacionados mais diretamente a alterações nas substâncias químicas do cérebro (neurotransmissores), que poderão ou não ser temporárias.

“Sinais de estresse, regulação autonômica, excitabilidade, maturidade motora, orientação, atenção e reflexos alterados, alterações na relação mãe-bebê e sinais de abstinências são algumas alterações atribuídas à cocaína.” (CUNHA, p. 124, 2007).

Para Rotta e Cunha (2000) as consequências do uso de drogas durante a gestação são multifatoriais, sendo assim os efeitos do crack no bebê podem ser observados das mais diversas formas.

Quando inalado pela mãe, o crack chega ao cérebro do feto e com isto causa a morte dos neurônios, além disto, os detritos presentes na droga entram no pulmão e assim em seguida são absorvidos pelo sangue, percorrendo o corpo inteiro do feto. Sendo assim cérebro e fígado acabam por serem os órgãos mais afetados, já que o cérebro recebe os estímulos enquanto o fígado é o responsável por limpar as impurezas do sangue. “Com o acúmulo de detritos dá uma sobrecarga”, diz o psiquiatra José Leão de Carvalho Júnior. (Gazeta do Povo, 2010).

A vasoconstrição é uma das principais consequências do crack, pois com ela há a alteração do transporte de substâncias pela placenta e a partir disto o feto pode apresentar hipoxemia (baixa disponibilidade de oxigênio), hemorragia intracraniana, diminuição do perímetro cefálico, redução no ritmo do crescimento, hipertensão, malformações congênitas visuais, auditivas, cardiovasculares, esqueléticas, gastrointestinais e no tubo neural. (Crack, é possível vencer. Governo Federal, 2012)

Para a Dra Gabrielle Cunha, que atualmente é coordenadora do Programa de Atendimento aos Bebês Expostos a Substâncias Químicas do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, de Porto Alegre, a ação da droga é tão forte, dependendo da quantidade ingerida, que também pode causar alterações na capacidade de contração do útero, ocorrendo em alguns casos deslocamento prematuro da placenta, sangramentos anormais e até mesmo o aborto espontâneo.

Durante os seis primeiros meses de gestação, o feto ainda não tem a pele devidamente queratinizada e fica então vulnerável as substâncias que acabam por se acumular no líquido amniótico, que se transforma em um reservatório da droga, evidenciando os males causados pelo uso do crack ingerido pela mãe durante o desenvolvimento intrauterino.

Retornando as informações retiradas do Portal do Governo, sobre a campanha “Crack, é possível vencer”, algumas alterações no sistema nervoso central da criança podem também se manifestar apenas durante o período escolar, sendo as mais comuns o déficit de atenção, os distúrbios comportamentais e as dificuldades de aprendizagem, mostrando que estes efeitos também podem se apresentar em longo prazo.

Mas pensando também nos efeitos em longo prazo “sabe-se muito pouco a respeito dos efeitos da exposição pré-natal á cocaína ao longo prazo do desenvolvimento das crianças”. (Rotta e Cunha, p.182, 2000). Isto nos traz mais uma vez o quanto ainda há controvérsias quando o tema é o uso de drogas e a gestação.

Mas o fato da mãe ser ou ter sido usuária de crack durante o período de gestação não quer dizer que o feto necessariamente nascerá com alguma destas complicações, principalmente se a mesma fizer o pré-natal e cedo for diagnosticado o uso das substâncias, isto é importante, pois quanto antes a gestante parar ou diminuir a quantidade melhor e mais eficaz será o tratamento, diz a Dra. Gabrielle Cunha em entrevista a campanha do governo; Crack, é possível vencer.

Em vídeo educativo a Dra. Gabrielle Cunha fala que: “uma mãe ter usado crack durante a gravidez não contraindica a amamentação, depende do tratamento que ela realizou e do período de abstinência que ela tem, pois se ela tiver usado no período de 7 a 10 dias essas substâncias podem passar para o leite materno e podem causar vários efeitos no feto”. Efeitos esses que foram mostrados durante o trabalho, mas a médica ainda completa o quanto a amamentação é importante e pode ajudar no desenvolvimento do bebê, na formação do vínculo entre mãe e filho e a cima de tudo sendo um estímulo para esta mãe se tratar e seguir uma vida normal com seu filho.

De acordo com os dados trazidos, ainda há controvérsias sobre a existência ou não da crise de abstinências em bebês de mães usuárias de crack, isto confirma a importância imediata de mais pesquisas e estudos sobre o assunto.

4. CONCLUSÕES

Destaca-se que pesquisa está apenas começando e muitos materiais e bibliografias serão coletadas, por este motivo a conclusão é parcial, no entanto já é possível uma análise prévia que pode ser feita a partir do que já foi pesquisado.

A partir do que foi estudado até o momento, não se pode dizer com certeza, se há ou não crise de abstinência nos bebês nascidos de mães usuárias de crack, porém mais estudos são necessários para dizer com convicção que esta é uma afirmação real. Ao estudar esse assunto é provável que encontremos um campo bem complexo, não será uma tarefa simples e os diversos campos de estudo tais como a sociologia, epidemiologia, psicologia podem contribuir para esclarecer este assunto.

Nesta fase de coleta de dados pode-se perceber que no Brasil existem poucos estudos científicos sobre as consequências do crack no desenvolvimento fetal e o que se sabe até agora e foi citado neste trabalho é fundamentado nas observações de especialistas que estudam o assunto.

Até o término desta pesquisa pretende-se reunir mais informações que possam ajudar a entender se realmente há a crise de abstinência nestas crianças e o que é verdade e mito sobre este tema.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, 2012. **Crack, é possível vencer**. Acessado em 25 de jul de 2012. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/enfrentandocrack/home>

CUNHA, G.B. **Exposição pré-natal à cocaína e efeitos neurocomportamentais no recém-nascido**. Dissertação (doutorado em pediatria) – Curso de Pós Graduação em Ciências Médicas – Pediatria, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

OMS, Organização Mundial da Saúde. **Manual de Orientação para Atenção ao Crack**.

ONU. **Relatório Anual sobre Drogas**. 2009, 2010.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: Estudos revisados sobre a adolescência**. 2.ed. revisada, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: Revinter, 2003

PERES, Aline; MENEZES, Fabiane. Gravidez na idade da pedra. Gazeta do Povo. Acessado em 30 de jul de 2012. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1026468>

ROTTA, Newra T ; CUNHA, Gabrielle Bocchese da . **Exposição pré-natal à cocaína: revisão dos efeitos neurocomportamentais**. J. Pediatr., Rio de Janeiro, v. 76, n.3, p. 179-184, 2000

SEGATTO, Cristiane. Os bebês do Crack. **Revista Época**. acessado em 12 de jul de 2012. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI242477-15257,00-OS+BEBES+DO+CRACK.html>